

RELÉVO DE “CUESTAS” EM ROCHAS METAMÓRFICAS DA SÉRIE DE MINAS, ESTADO DE GOIÁS

Por

DYRCEU TEIXEIRA

Licenciado em Geografia e História pela Fac. de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

A passagem do peneplano goiano, arqueano, formado principalmente por gnaisses (Oliveira & Leonards 1943, p. 97) — típica superfície de erosão com “monadnockes”, percorrida por vários rios, entre outros o Meia-Ponte, afluente do Paranaíba — em demanda à bacia do Araguaia, na região das cabeceiras do rio Vermelho e vizinhanças da velha cidade de Goiás, 140 quilómetros a noroeste de Goiânia, permitiu ao autor verificar a presença de espetacular linha de “cuesta”, voltada para noroeste, que recebe regionalmente, a denominação de “serra Dourada” (foto 1).

O front da “cuesta”, com altitudes aproximadas de 800 a 850 metros, apresenta na parte superior uma cornicha bem acentuada, formada por itacolumitos da série de Minas inferior (*opus cit.*, p. 154), duros, compactos (*opus cit.*, p. 139 e 155) e micáceos (Guimarães 1931, p. 8),

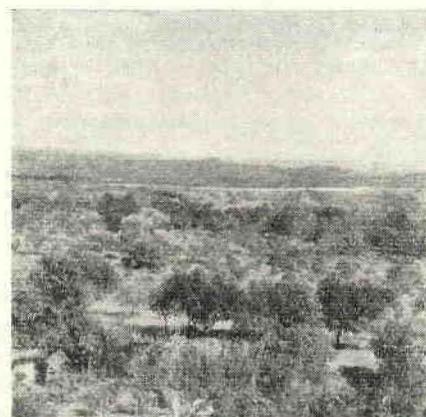


Foto 1

A “cuesta Dourada vista do “sítio de Goiás, em direção sul-sudoeste. Distingue-se a escarpa e testemunhos na depressão ortocinal, coberta por denso cerrado.

com mergulho moderado de 16° para sul-sudeste. A cornicha é bem delineada e extende-se em direção a sudoeste, por algumas dezenas de quilômetros, até se perder de vista rumo à "cuesta" do Caiapó (Ab'Sáber & Costa Júnior 1950, p. 8, 14 e 15). Por toda a extensão da escarpa, aqui e ali se destacam, por erosões seletivas, pontões, que formam paisagem admirável! O escarpamento é maciço, e a muralha se aproxima da vertical. O traçado é sub-retilíneo e é cortado, ocasionalmente, por gargantas obsequentes que se alargam apenas nos bordos. Sem dúvida, esse aspecto se deve à grande espessura da camada dura, formada pelos itacolumítos. A medida, porém, que a "cuesta" se aproxima da "posição" de Goiás a cornicha vai-se tornando menos nítida; decorre daí a tendência de se formarem elevações separadas por gargantas, que apresentam no alto formato convexo; e na base, côncavo, macearando-se aos poucos na paisagem (foto 2). Tal configuração é determinada por um

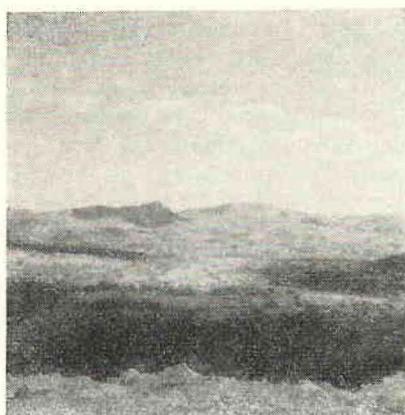


Foto 2

Demembramento da escarpa itacolumítica da "cuesta Dourada", que, nas visinhargas da rodovia Goiânia-Goiás, é fortemente atingida pelas cabeceiras obsequentes do rio Vermelho, formador do Araguaia.

estreitamento das camadas duras em proveito das camadas tenras que estruturaram a base da "cuesta" ou seja a depressão ortoclinal, constituídas igualmente por rochas, base da série de Minas inferior, principalmente filitos, que se prolongam até o "sítio" de Goiás, onde aflora o gnaiss arqueano, nas margens do rio Vermelho, na altitude de 510 metros. As cabeceiras desse rio que são obsequentes, estão interrompendo, como vimos, a cornicha em alguns pentos, principalmente próximo a Goiás, formando gargantas em "funil" e procurando atingir o reverso da "cuesta". Na faixa algonquiana, em frente à escarpa e no reverso dela, não percebeu o autor a existência de testemunhos tabulares com camadas duras somi-

tais; a presença, porém, de "avant-buttes" ou "outliers" é bem distinta (foto 3), o que possivelmente se deve ao mergulho regularmente acen-tuado do itacolumito, que, embora não sendo sedimento funciona devido aos seus planos de estratificação como tal, para fins erosivos.

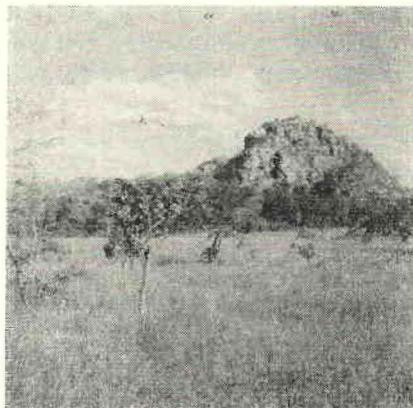


Foto 3

Um bico "outlier" da "cuesta itacolumítica". Percebe-se nitidamente, a estratificação original dos sedimentos, que foram depois metamorfizados e formam atualmente a série de Minas inferior, no Estado de Goiás. A vegetação é de Campo Cerrado.

A denominação de "cuesta" pode, portanto, ser aplicada ao relêvo em estudo, localizado no divisor de águas Paranaíba-Araguaia, setor Goiânia-Goiás, formado por rochas metamórficas da série de Minas, antigos sedimentos. Apoia-se, pois, o autor no conceito firmado por Derrauau, ao tratar, explicitamente, do relêvo de "cuestas" — "C'est dire que toute formation dure qui se présente en couches ou en feuillets peut donner des reliefs semblables à ceux des roches sédimentaires" (1956, p. 295). Tal conceito é confirmado entre nós por Almeida (1956, p. 22), ao anotar: "Os rios cortam perpendicularmente as "cuestas" basálticas e as sedimentares que lhe são periféricas."

A existência de tal relêvo, o próprio padrão de drenagem a confirma. E assim que, no planalto de Inhumas e Itaberaí, domina uma drenagem de rios consequentes, paralelos, orientados de NW para SE, principalmente os rios Meia-Ponte e dos Bois que se dirigem para o Paranaíba. Por sua vez o rio da Fartura, que se extende pelo reverso da "cuesta", paralelo à escarpa, é subsequente e orienta-se para SW, alcançando rapidamente o rio Pilões. Este é obsequiente como o rio Claro do qual é afluente. O rio Claro, um dos formadores do Araguaia, atinge este último através de uma "percée", vestígio de uma antiga drenagem con-

seqüente (Almeida 1949, p. 32). Finalmente, outro rio subseqüente é o Uru, que se dirige para NE e é formador do rio das Almas, afluente do Tocantins (Waibel 1947, mapa 3, p. 339). Esse atual padrão de drenagem em muito se assemelha ao desenho esquemático proposto por Lobeck (1939, p. 450), quando se refere ao estágio de maturidade do ciclo geomórfico na evolução do relêvo de "cuestas".

Dêsse modo, a nosso vêr, constitui a "Serra Dourada", parte de um sistema de escarpas de circundesnudação pós-cretácea que atingiu o alto Araguaia, como bem o assinalam Ab'Sáber (1949, mapa p. 18) e Almeida (1949, p. 32).

A denominação de "Serra Dourada" se origina do fenômeno natural do reflexo da luz solar, à tarde, provocado pela mica do itacolumito que forma a cornicha.

* * *

Agradece o autor aos Drs. Wanderbilt Duarte de Barros e David Nadler do Fomento Agrícola, Ministério da Agricultura, a facilidade de condução ofertada que nos permitiu a elaboração do presente trabalho.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AB'SÁBER, A. N.
 1949. *Regiões de Circundesnudação Pós-Cretácea no Planalto Brasileiro*. Bol. Paul. Geog., n.^o 1, p. 3-21, 1 mapa. São Paulo.
- AB'SÁBER, A. N. & COSTA JÚNIOR, M.
 1950. *Contribuição ao estudo do Sudoeste Goiano*. Bol. Paul. Geog., n.^o 4, p. 3-26, 6 fotos, 2 figs. São Paulo.
- ALMEIDA, F. F. M.
 1949. *Relêvo de "cuestas" na Bacia Sedimentar do rio Paraná*. Bol. Paul. Geog., n.^o 3, p. 21-33, 10 secções, 1 mapa, São Paulo.
- 1956. *O Planalto Basáltico da Bacia do Paraná*. Bol. Paul. Geog., n.^o 24 p. 3-34, 6 fotos, 8 figs. São Paulo.
- DERRUAU, M.
 1956. *Précis de Geomorphologie*. Paris, Masson & Cie.
- GUIMARÃES, D.
 1931. *Contribuição à Geologia do Estado de Minas Gerais*. Ministério da Agricultura, Serviço Geol. e Min. do Brasil, Boletim n.^o 55, 36 p., 7 fotos, 5 microfotos. Rio de Janeiro.
- LOBECK, A. K.
 1939. *Geomorphology*. New York, MacGraw-Hill.
- OLIVEIRA, A. I. de & LEONARDOS, O. H.
 1943. *Geologia do Brasil*. 2.^a edição. Rio de Janeiro, Serviço de informação Agrícola.
- WAIBEL, L.
 1947. *Viagem de reconhecimento ao sul de Goiás*. Rev. Bras. Geog., ano IX, n.^o 3, p. 313-342, 17 figs. 3 mapas. Rio de Janeiro.